



## DECORANDO ALMAS: A ARTE MONUMENTAL DE PASQUALE DI CHIRICO (1903-1923).

Roselene de Souza Ferrante<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os monumentos artísticos presentes na capital baiana são os testemunhos de outrora, época de uma modernização da cidade baseada em padrões europeus de progresso e refinamento. Símbolo do homem moderno republicano que acredita que quem possui talento e dinheiro poderia conseguir tudo que desejava. Devemos, contudo, ter um olhar atento ao observar as obras de Pasquale Di Chirico presentes em Salvador, através de suas idealizações pode-se descobrir um mundo novo, moldado pelo criador o artista através de seus sentimentos e de seus interesses, moldam aquilo que ele quer revelar do momento histórico em que vivem suas experiências. Através de sua arte podemos perceber também os vários tipos que figuravam na cidade no primeiro quartel do século XX, com as figuras de índios, nas obras de Castro Alves e Padre Manoel da Nóbrega e dos negros, predominantes tanto no meio urbano quanto rural.

**Palavras-chave:** Monumentos artísticos; Pasquale Di Chirico; Escultor

### PASQUALE DI CHIRICO NA ITÁLIA

Pasquale nasceu em 24 de maio de 1873 na pequena Venosa, cidade italiana próxima ao monte vulcânico dos Apeninos, distante 150 quilômetros de Nápoles. De acordo com o depoimento do senhor Bartolo Sarnelli, neto do artista que conviveu com ele até a idade de 12 anos. Pasquale era o filho mais jovem de uma linhagem de artistas: pintores, escultores e desenhistas, sobre os quais pouco se sabe por falta de registros na época, um incêndio no cartório de registro civil da cidade venosiana destruiu os documentos antigos. Sabemos, contudo, que Venosa era um celeiro de artistas, autodidatas, que procuravam outros centros para se aperfeiçoarem. Ainda jovem obteve da municipalidade de sua terra, uma bolsa de estudos para ir à Nápoles estudar escultura com o professor Achille D’Orsi (1845-1922), mestre oitocentista de inspiração realista. Devido a sua dedicação recebeu uma indicação do professor para *Rial Accademia di Belle Arti di Napoli*, onde o próprio D’Orsi havia estudado sob a orientação do escultor e professor Tito Angelini (1808-1878) um dos grandes artistas da época, realizador de inúmeras esculturas que ornamentam o Palácio Real de Nápoles.

A formação básica de Pasquale, no entanto ocorreu em casa entre os parentes e por causa do seu dom para o desenho e a escultura, acabou ficando pouco tempo na sua cidadezinha montanhosa onde, certamente, havia pouco espaço para ele. Com apenas 20 anos, chegou ao Brasil, desembarcando no porto de Santos, como consta em seu passaporte, permaneceu pouco tempo na cidade como estagiário, mas não há informação em que atividade. Depois transferiu-se para a cidade de São Paulo, residindo por dez anos.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de História com Habilitação em Patrimônio Cultural, trabalho sob a orientação Prof<sup>o</sup> Dr. Charles Santanna, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador.



Segundo o senhor Sarnelli, em São Paulo foi convidado pelo engenheiro baiano Teodorico Sampaio para realizar obras decorativas na Faculdade de Medicina da Bahia. São bustos e estatuas de ilustres professores da instituição como: Alfredo Thomé Brito (1863-1909), Manoel Vitorino Pereira (1853-1902); Francisco de Paula Rodrigues e Augusto César Vina.

## **A CIDADE DO SALVADOR NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

A cidade soteropolitana nesse início do século XX acumulava graves problemas estruturais, herdados do período colonial e imperial, com suas ruas estreitas e construções irregulares, circulava uma população bem diversificada nas questões socioeconômicas, culturais, habitacionais e raciais<sup>2</sup>.

Di Chirico encontrou uma cidade, que sofria com a falta de água, esgoto, e saneamento básico, acarretando epidemias e endemias, como o surto de peste bubônica no início de 1904 um ano após sua chegada. A iluminação pública nesse período se restringia as principais vias da região central, substituindo a iluminação a gás, ainda utilizada na maioria das ruas. No primeiro governo de J. J. Seabra entre 1912-1916, administração pública do período vislumbrava colocar Salvador entre as maiores cidades do país, implementando medidas para a melhoria dos padrões de higiene e estética e um maior incremento do comércio da cidade, que se fazia necessário aos interesses do governo para ampliação de suas atividades comerciais com países europeus e com os Estados Unidos<sup>3</sup>. Na época acreditava-se que mudando o meio ambiente, mudava-se o sujeito.

Para alcançar a sociedade idealizada era necessário garantir a escolarização, concomitante a preparação ao trabalho, formando sujeitos capazes de exercer sua cidadania, já que um novo modelo de eleitor emergiu com a República. O projeto era construir o futuro cidadão, apto a contribuir positivamente com a nação.

As influências européias eram contínuas, em decorrência o indivíduo e a própria cidade tornaram-se, então, objeto de intervenção, tanto no plano individual quanto coletivo. Podemos concluir que Primeira República, pode ser considerada a época dos contrastes, de um lado um arcabouço de idéias modernizantes, progressistas e do outro a realidade de um país, recém saído do regime escravocrata monárquico. A *Belle Epoque*, a *Art Nouveau* dos cafés requintados, o pensamento positivista dos intelectuais republicanos, a urbanização, as produções artísticas das principais cidades estavam distantes da realidade e em grande parte do cotidiano de sua população.

A maior parte das obras de Pasquale Di Chirico insere-se nesse contexto de transformação da cidade de Salvador, as camadas médias soteropolitanas pretendiam romper com a tradição colonial, associada a um passado atrasado e escravocrata, rumo a um futuro civilizado, semelhante ao modelo europeu.

---

<sup>2</sup> MATTOSO, Kátia: Bahia: A Cidade do Salvador e seu mercado no. Século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1978.

<sup>3</sup> ASSUNÇÃO, Robson: “A Rua Direita do Palácio e a nova Rua Chile, estratégia de modernização 1890-1916”, monografia de conclusão do curso de Historia UCSAL, 2002.



## AS PRINCIPAIS OBRAS DE DI CHIRICO NA CIDADE DO SALVADOR (1903-1923)

Seguindo as implementações públicas de melhoria da capital baiana, no dia sete de setembro de 1915, foi inaugurada uma rua de mesmo nome, na região central da cidade. Criticada por alguns e adorada por outros, ela tornou-se um marco das transformações urbanas da burguesia na capital baiana. Seguindo os padrões europeus a ampla avenida foi bem iluminada e arborizada. Para marcar a hora na cidade foi importado da Europa um relógio, que ficou conhecido como o Relógio de São Pedro, cuja base foi confeccionada por Di Chirico, conforme depoimento do senhor Bartolo.

O governador Seabra desejava apagar da memória dos soteropolitanos o incomodo episódio do bombardeio do Palácio do Governo, para isso utilizou a empresa pública a revelia, “contratando empresas particulares, como a Cia de Melhoramentos da Bahia ou a Cia Empreiteira Lafayette, que por falta de verbas e materiais – visto que o período avizinhava-se da Primeira Guerra Mundial – interrompiam freqüentemente seus trabalhos, causando inclusive greves trabalhistas”<sup>4</sup>. O governador J. J. Seabra reformou com pompa sua sede, rebatizando-a de Palácio do Rio Branco, em homenagem ao falecido Barão de Rio Branco (1845-1912), ícone republicano. Para a ornamentação do Palácio, Pasquale Di Chirico produziu a alegoria do governador em cimento branco, coberto por uma camada de patina bronze cinza, no hall de entrada e de Thomé de Sousa, confeccionada em cimento branco, localizada na escadaria central, além das duas esfinges na fachada do prédio, também em cimento branco, representando os olhos do governador ao povo na Praça Thomé de Sousa.

No mesmo ano de 1919 foi inaugurada uma grande obra sua, com destaque no Diário Oficial da época e transcrita na edição comemorativa do centenário da independência da Bahia, da seguinte forma:

Estatua do Barão do Rio Branco – Trabalho do professor Paschoal del Chirico, este monumento mede 7m,20 tendo a estatua que o encima três metros. A estatua do Barão do Rio Branco, moldado em bronze e representada de pé, em attitude correcta e nobre, pousa sobre um bello pedestal de granito róseo, extrahido das pedrarias de Santa Luzia, no interior deste Estado. É a imagem do Brasil moderno. Está situada na Avenida 7 de setembro, no trecho de S. Pedro e foi inaugurada solenemente a 13 de maio de 1919. A sua erecção devesse á iniciativa e esforços da Associação dos Empregados do Comércio da Bahia, no seio da qual foi a idéia levantada em 1912, logo após a morte do grande brasileiro.

As obras eram inauguradas em grandes festas públicas, conforme atesta Bartolo Sarnelli que esteve presente na ocasião de solenidade da obra em homenagem a Conde dos Arcos erigida em 28 de janeiro de 1932 na Praça de mesmo nome, em frente à Associação Comercial, era um grande acontecimento na cidade, contando com a presença em massa da população. Outro evento de grande destaque na cidade a comemoração inaugural do monumento em homenagem a Jesus Cristo, oferta do Desembargador José Botelho Benjamin à cidade, localizado na Barra inaugurado em 24 de dezembro de 1920 pelo intendente da cidade Coronel Manoel Duarte de Oliveira e pelo Arcebispo Primaz D. Jeronymo Thomé da Silva e pelo governador J. J. Seabra, responsável por retirar a bandeira que velava a estatua, ao som da música da brigada policial. A

---

<sup>4</sup> FLEXOR, M. H.; J.J. Seabra e a reforma urbana de Salvador (Bahia-Brasil).In: Congresso Internacional de Americanistas, 49. 1997, Quito. Anais..., 1997.



participação do povo foi tão grande que durante toda a tarde e no início da noite fizeram romaria ao Monte de Jesus, sendo celebrada a meia-noite a missa de Natal<sup>5</sup>.

Pasquale Di Chirico se apresentava em todas as licitações para obras monumentais na cidade, ganhou todas elas, tudo indica que não possuía concorrentes no ofício. Era a época das grandes obras, dos grandes monumentos em homenagem aos vultos da nossa história. Como ocorreu anos antes na estátua em homenagem ao poeta Antonio de Castro Alves, motivo de grande mobilização na sociedade, como atesta o Diário Oficial de 1908, página 78 “realiza-se grande festival em prol da construção de um monumento ao poeta dos escravos, Castro Alves”. Sendo “um testemunho perdurável da admiração da Bahia ao seu glorioso filho”. Para a realização da escultura a população foi convocada para doações, coletadas na Associação dos Empregados do Comércio da Bahia. Embora Di Chirico tenha feito outros trabalhos de igual valor artístico, ficou mais conhecido por está obra. Mas não foi exatamente o que ele havia concebido, pois foi obrigado a seguir a orientação da comissão encarregada do monumento que ditou as regras do trabalho. Pasquale imortalizou o poeta dos escravos, com o braço direito estendido em imponente gesto declamatório, a obra inicialmente foi colocada virada para o mar, não se sabe ao certo quando que foi mudada para a atual posição.

As obras normalmente contavam com a colaboração de particulares e da população. Muitos monumentos foram construídos com recursos da comunidade, autoridades, do governo e da prefeitura. Embora sempre tivessem um apelo popular, no sentido de as obras eram presentes para o povo. Como ocorreu no monumento Visconde de Cayru, inaugurado em 1932, normalmente referido como “do governo para o povo”, na verdade a intenção de erigir um monumento em homenagem ao ilustre baiano data de 24 de abril de 1837, através da lei estadual de número 56, que autorizava o governo a levantar em uma de suas praças um monumento em bronze ao supremo patriarca da emancipação econômica, ou dito de outra forma, responsável indireto pela abertura dos portos em 1808. Contudo, essa lei não teve execução no período imperial, sendo novamente discutida nas comemorações do primeiro centenário do Dois de Julho<sup>6</sup>. O coronel João Batista Mattos, contemporâneo a Di Chirico, nos relata “a comissão encarregada de levar a efeito a nobre iniciativa, é composta por capitalistas, professores e homens das letras, sob a presidência do próprio J. J. Seabra, movimenta-se animada pela ação oficial”. A participação do governador do estado indica a importância implícita em cada obra, era grande acontecimento, que pode ser entendido no contexto de transformações urbanas das cidades. Também podemos perceber que aos artistas era reservado um espaço importante na conjuntura social, eram responsáveis por embelezar a cidade, mas acima de tudo por demarcar os espaços da memória através de um elemento físico, “história e memória, são como espaço de uma poética que insiste na abordagem dos tempos idos, constituídos individualmente, mas revelados com a textura do coletivo”<sup>7</sup>.

Ainda segundo o coronel Mattos, para a estatua do Visconde de Cayru, a comissão abriu concorrência na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo durante quatro meses, concedendo-se três prêmios de 5 mil cruzeiros e três prêmios de 2 mil cruzeiros aos concorrentes classificados nos primeiros lugares. O Diário de Notícias em notícia de 17 de junho de 1924 nos esclarece “a comissão incumbida do monumento ao Visconde de Cayru, diante de nove projetos apresentados, adotou o de autoria do artista Pasquale Di Chirico”. Em entrevista ao periódico o escultor afirmou:

<sup>5</sup> Revista do IGHB, n. 59, 1933.

<sup>6</sup> MATTOS, João B. de. Os monumentos nacionais Estado da Bahia. Imprensa do Exército. Rio de Janeiro. 1956. p. 194.

<sup>7</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. Projeto História, São Paulo, v. 17, p. 203-212, 1998.



Estou estudando as proporções exatas do monumento, levando em consideração a área da antiga Praça da Alfândega. As dimensões atuais do monumento são: seis metros altura por seis metros de largura. O monumento será todo de granito e bronze. Domina-o a figura de Cairu, ladeada por dois grupos, representando as conseqüências inevitáveis do benemérito decreto da abertura dos portos do Brasil às nações amigas: o comércio, as indústrias, a arte, a civilização, em suma. Na frente do monumento, pisando na quilha de um navio de pedra, uma mulher simbolizará a liberdade. O início depende da comissão. O máximo custo do monumento, de acordo com a concorrência é de 150 mil cruzeiros. Ainda no corrente ano, penso em iniciar as obras, que são de grande importância. Cairu será o maior monumento que terei, até agora, realizado na Bahia. No espaço de dois anos, estará ele colocado no local que lhe destinou o governo do Estado.

O periódico indaga sobre o material, questionando se a procedência seria baiana? Di Chirico lamenta:

Infelizmente não. E não, por circunstancias de ordem material. Aqui falta-me tudo. Envelheci com a construção da estatua de Castro Alves, meu caro. Penso realizar a obra agora escolhida, na Itália, onde a terei pronta a preço mais conveniente e com capacidade para obter uma realização verdadeiramente artística.

O coronel Mattos, nos informa que durante muito tempo a Praça da Alfândega possuía apenas uma lapide em mármore colocada no gradil destinado ao monumento, onde se lia “aqui será levantado o monumento do grande estadista baiano Visconde de Cayru”<sup>8</sup> datado de 2 de julho de 1923.

Pasquale Di Chirico também se dedicou ao ofício de professor na Escola de Belas Artes da Bahia, de acordo com os registros da instituição, lecionou de 1918 a 1932, embora, os documentos encontrem-se em sua maioria danificados ou destruídos parcialmente, não encontramos maiores informações sobre sua vida docente. Como mestre deixou alunos excepcionais como Ismael de Barros, que o sucedeu na arte escultória, sendo inclusive atribuídos inúmeros trabalhos de Di Chirico a Ismael de Barros, como na obra Padre Manuel da Nóbrega, estátua em frente à Igreja da Ajuda. Último trabalho do artista italiano, que contou com a ajuda de Ismael para alguns retoques finais, uma vez que o trabalho estava pronto. A peça ostenta, inclusive, a assinatura original Di Chirico, originalmente o busto do padre apresentava a imagem de duas índias, inspiradas em suas filhas, de acordo com o senhor Bartolo que ouviu ainda jovem, essa informação entre os familiares. Porém, não se sabe o que aconteceu que uma das índias desapareceu. A obra foi concebida e colocada inicialmente na Praça da Sé, porém no ano de 1999 foi transferida para a Rua da Ajuda.

O ateliê de trabalho era um grande barracão na região da Baixa do Sapateiro, mais precisamente na Rua do Tijolo, mesmo endereço que posteriormente na década de 1950 foi ocupado por uma escola de gravura e frequentado por artistas e intelectuais baianos como Calasans Neto e Jaime Hora.

Pasquale era um homem baixo tinha apenas 1,55m como consta em seu passaporte, porém foi um gigante na arte, passava o dia todo trabalhando em suas obras, subia, descia de escadas, trabalhava com barro, bronze, mármore, ferro fundido, etc. Cuidando de todas as etapas do processo, incluindo a confecção das bases do monumento, geralmente em pedra, que era

---

<sup>8</sup> Idem 8, p. 195.



realizada por outros artistas, residentes em sua maioria na Ladeira da Preguiça, época em que a região era habitada por diversos artífices.

De acordo com depoimento do senhor Sarnelli, Di Chirico apresentava a concepção do trabalho através de maquetes e, uma vez aprovada, realizava o trabalho na Itália, pois havia dificuldade de materiais no Brasil, chegando à peça já fundida em bronze, apenas, para ser montada no local destinado. Foi assim com o monumento a Castro Alves e Visconde de Cairu, sendo esta última obra responsável pela vinda da família Sarnelli para Salvador. Era a época da Revolução de 1930 e o governo tinha dificuldades em fazer o pagamento do trabalho, com isso Di Chirico foi obrigado retornar ao Brasil, após de acertada a pendência escreveu para a família, recomendando que embarcassem todos, juntamente com obra para Salvador, após uma longa e cansativa viagem de navio em 17 de outubro de 1931 chegaram ao porto baiano. Este ano ficou marcado com a última viagem a sua terra natal, para a confecção dos trabalhos.

As maquetes que ele produziu, não possuem muitos detalhes, é apenas uma idéia do conjunto, exibindo o básico, devido a sua pequena proporção e pode sempre variar, de acordo com a veia criativa do artista e conhecimento de anatomia e mesmo por sua sensibilidade. Pasquale participou da concorrência pública do monumento a Rui Barbosa, porém a obra não foi realizada, na época, apresentou a maquete com duas faces, de um monumento que teria que ser, forçosamente, colocado no meio de uma praça pública, porém não houve o dinheiro e interesse para a confecção, atualmente a maquete encontra-se no museu Casa de Rui Barbosa, no Centro Histórico de Salvador.

Pasquale Di Chirico também foi um grande desenhista, preferia desenhar a crayon e quando tinha pouco o que fazer, para se distrair desenhava ou produzia pequenas estatuetas que estão espalhadas pela cidade nas residências de amigos da época, a quem ele presenteava com as criações. Na casa da família Sarnelli, existem seis lindos desenhos a crayon feitos por Di Chirico, que tinha preferência por tipos negróides, retratando os tipos característicos do nordestino com os seus chapéus de palha desfiado, barbas longas e grisalhas, tipos para ele exóticos, em seu olhar europeu. Quando do cinquentenário da Abolição em 1938, organizou-se a pedido e sob o patrocínio do jornal ALA, de propriedade do crítico de arte Carlos Chicchio, uma “Exposição Negra”, no Palácio-Hotel, sendo a primeira que se tentou no país.

Para Pasquale, era comum encontrar um tipo na rua e convidá-lo para ir a sua casa, no Rio Vermelho e depois em Ondina, para fazer um retrato. Conforme atesta o senhor Bartolo, a família Di Chirico morava no local em que hoje chamamos de a “entrada da Pedra da Sereia”. Era uma área no sopé do Morro da Sereia, frontal à Avenida Oceânica. Com projeto de sua autoria, a residência foi posicionada na parte do fundo, bem recuada da avenida e com ampla vista para o mar e a praia do Canzuá, na divisa com Ondina. A parte da frente foi ajardinada e arborizada pelo escultor, que plantou duas palmeiras imperiais, que dizia serem em homenagem às duas filhas, Emília e Cecília. Nos fundos da casa montou um pequeno ateliê.

Segundo o site ACIRV<sup>9</sup> em homenagem aos artistas ilustres do Rio Vermelho, na gestão do governador Luiz Viana Filho, o Estado comprou a propriedade que havia pertencido a Pasquale e a doou a Dorival Caymmi, para que o compositor-cantor voltasse a residir em Salvador, onde permaneceu alguns anos. Com a saída de Caymmi o imóvel foi dividido: no terreno da frente surgiu uma residência, posteriormente transformada no Restaurante Sukiyaki, na esquina da Avenida Oceânica com Rua Pedra da Sereia.

A casa que havia sido construída por Pasquale foi totalmente reformada. Ganhou novas características e a frente foi virada para o mar, passando a ter como endereço a Rua Pedra da Sereia nº. 2.

<sup>9</sup> <[HTTP://www.acirv.com.br](http://www.acirv.com.br)>. Acesso em: 17 abr. 2004.



Para o senhor Sarnelli, o avô era um sujeito calmo e filósofo, tratava a todos com simpatia, seguia sempre a mesma rotina, saía cedo de casa, ia ao trabalho de bonde, almoçava frutas e pães no próprio atelier, após o lanche descansa em um sofá que havia no próprio barracão, e ao final do dia regressava para casa, tinha o mar por companhia, contemplando o pôr-do-sol todos os dias de sua varanda. Não tinha grandes ambições, ou preocupações, apenas com o trabalho e com a família, a quem deixou apenas um pequeno envelope e um pouco de dinheiro sob uma cômoda.

## **COM AS MÃOS SUJAS DE BARRO**

Pasquale Di Chirico realizou tantas obras e embelezou a cidade, mas ficou esquecido após sua morte em 31 de março de 1943, uma quarta-feira cinzenta e fria. “Morreu trabalhando, as vésperas dos setenta anos, fulminou-o o coração no seu próprio atelier. Tinha as mãos sujas de barro”, descreveu o poeta e intelectual baiano ligado ao movimento modernista na Bahia, Hélio Simões (1910-1987).

Por ocasião de sua morte houve uma grande consternação no meio artístico da cidade. Em sua homenagem ocorreram duas exposições com suas obras, sendo uma delas no salão da antiga Biblioteca Pública da Bahia no mesmo ano de 1943.

Durante 40 anos Di Chirico esculpiu personagens da história do Brasil, mas a fase de grandes monumentos clássicos em Salvador acabou com ele. De lá para cá, apenas pequenas obras e alguns bustos foram realizados, os monumentos históricos tradicionais foram substituídos por obras ligadas ao movimento modernista, possibilitando inúmeras interpretações. Após sua morte Pasquale Di Chirico foi esquecido, para o senhor Sarnelli, propositalmente abandonado, pois sempre houve uma polêmica relacionada com o seu trabalho já que grande parte dele foi realizado na Itália, não por opção sua, mas porque na época lhe faltavam os meios necessários no Brasil. Também percebemos que na primeira metade do século XX, aos artistas e intelectuais estrangeiros não convinha aparecer, principalmente no período das chamadas Grandes Guerras Mundiais, muitos eram associados aos regimes totalitários europeus.

## **CONCLUSÃO**

As esculturas são guardiãs da memória e dos espaços sociais, normalmente expostas em lugares públicos em caráter transitório ou perene. A cidade é vista como um museu, recebendo a leitura de diversos grupos da sociedade, no caso da arte escultória do final do século XIX e início do século XX, destaque principalmente para sua função histórica, de homenagem ou celebração. Concebidas em estilo neoclássico, tendo como técnica a fundição em bronze.

Obras de arte expostas em espaços públicos constituem elementos de referência e de poder, pois obedecem a uma intencionalidade enquanto projeto e concepção, embora as pessoas, “leitores da cidade”, possam resignificar a concepção original. A importância da arte, esta justamente em seu movimento, pois contam uma história não verbal do que a urbe vivenciou um dia. Os monumentos são elementos de um emaranhado simbólico, em um entrecruzamento de espaço e tempo, que podem se tornar legíveis para o historiador ou se apresentar como um obstáculo.



## REFERÊNCIA

AZEVEDO, Thales de. *Italianos na Bahia e Outros temas*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, Secretaria da Cultura, 1989.

BERTONHA, João Fabio. *Os Italianos*. São Paulo, Editora Contexto, 2005.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.

FLEXOR, M. H.; J.J. Seabra e a reforma urbana de Salvador (Bahia-Brasil). In: Congresso Internacional de Americanistas, 49. 1997, Quito. Anais..., 1997.

JESUS, Robson Assunção Matos de. *A Rua Direita do Palácio e a nova Rua Chile: estratégia de modernização 1890-1916*. Salvador: monografia História UCSAL, 2002.

LANNA, Ana Lucia Duarte. *Uma Cidade na Transição: Santos: 1870-1913*. São Paulo/Santos, HUCITEC/ Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LEITE, Rinaldo C. N. *E a Bahia civiliza-se: idéias de civilização e cenas da anti-civilidade em um contexto de civilização urbana: Salvador 1912-1916*. Salvador: Mestrado em História, 1996, 161p. (dissertação).

MELO, Moises Morais de. *A Implantação do Sistema de Bondes na cidade de Salvador: 1860-1950*. Salvador: monografia História UCSAL, 2005.

REGO, Moises Tosta. *No meio do Caminho tinha uma Igreja: José Joaquim Seabra e a construção da Avenida Sete de Setembro*. Salvador: monografia História UCSAL, 2003.

SANTOS, Gilmar Romão dos. *Cotidiano Popular e Peste Bubônica na dinâmica urbana de Salvador durante a Primeira República*. Salvador: monografia História UCSAL, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Campo e Cidade, na História e na Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.